7º Interprogramas de Mestrado

# "PARECE FILME AO VIVO"
## Capitão Nascimento narra a ocupação da Vila Cruzeiro nos telejornais da Globo[1]

**Viviane Gonçalves Freitas**[2]

**Resumo**

Este artigo pretende analisar como a participação do ex-capitão do Bope e comentarista de segurança pública da TV Globo, Rodrigo Pimentel, na cobertura sobre a ocupação da Vila Cruzeiro, entre os dias 25 e 27 de novembro de 2010, nos telejornais nacionais da emissora carioca, proporcionou ao imaginário coletivo a sensação de protagonizar, nas ruas do Rio de Janeiro, o que se viu nas telas do cinema, em *Tropa de Elite* 1 e 2. São conceitos de referência deste estudo: o "efeito do real", a repercussão do "ao vivo", a espetacularização da notícia e a teoria do *newsmaking*, frisando os critérios de relevância e noticiabilidade adotados pela mídia.

**Palavras-chave:** Narrativa telejornalística. Tropa de Elite. Espetacularização da notícia. Ocupação da Vila Cruzeiro. Efeito do real.

## 1 Introdução

"Parece filme ao vivo". Essa declaração da apresentadora do *Jornal Hoje* da TV Globo, Sandra Annenberg, na edição especial de 25/11/10, reflete bem o que esse dia significou para o Rio de Janeiro e, principalmente, para a cobertura que os telejornais dessa emissora fizeram. Também é uma referência explícita ao filme *Tropa de Elite 2* (2010), de José Padilha, frisada pela onipresença do comentarista de segurança pública da TV Globo, Rodrigo Pimentel. Ele esteve em três dos quatro telejornais de âmbito nacional da emissora, exibidos nesse dia: *Bom Dia Brasil*, *Jornal Hoje (JH)* e *Jornal Nacional (JN)*. Dois dias depois, retornou ao *JN* para avaliar a situação após a ocupação do Complexo do Alemão e qual poderia ser a reação dos traficantes. A partir disso, para análise e produção deste artigo, foi definido como *corpus* o material extraído dos telejornais acima, edições de 25/11/10, e do *Jornal Nacional*, de 27/11/10.

[1] Texto original, como recebido pela coordenação do Interprogramas.

[2] Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-graduação em Comunicação Social: Interações midiáticas. E-mail: viviane.goncalves@sga.pucminas.br

Coautor dos livros[3] que inspiraram os dois sucessos de bilheteria dirigidos por José Padilha, *Tropa de Elite* (2007) e *Tropa de Elite 2* (2010), Pimentel foi capitão do Batalhão de Operações Especiais (BOPE) da Polícia Militar do Rio de Janeiro, que ficou conhecido em todo o País pelas telas do cinema. Atualmente, está em outra posição nessa guerra urbana: como (tele)espectador, opinando, fazendo especulações e tentando esclarecer e significar as ações policiais em dias de extrema tensão na capital fluminense e região metropolitana do Rio. O ex-caveira[4], como são denominados os integrantes do BOPE, também é roteirista da sequência protagonizada pelo capitão Nascimento, vivido pelo ator Wagner Moura.

A estreia de *Tropa de Elite 2*[5] ocorreu em 08/10/10, entre os dois turnos eleitorais e, praticamente, um mês e meio antes do caos se instalar na cidade carioca. O cenário: vários veículos incendiados pelas ruas, bandidos preparando-se para o enfrentamento com a polícia, 400 mil moradores da Vila Cruzeiro, no Complexo da Penha, e do Complexo do Alemão, na Zona Norte carioca, reféns da violência.

A partir desse contexto, o presente artigo objetiva, com foco na cobertura dos telejornais supracitados, discutir e analisar a presença na narrativa jornalística do duplo papel desempenhado por Rodrigo Pimentel, já que, mais do que comentarista de segurança pública, é identificado como aquele que inspirou o capitão Nascimento. Também se pretende demonstrar como a linha editorial adotada na cobertura foi mais opinativa e favorável à ação militar, utilizando jargões policiais e inserções ao vivo, todo o tempo, do local do conflito. Com o filme ainda em cartaz durante o período dos ataques incendiários no Rio, questiona-se quanto ao entrelaçamento do real e da ficção no âmbito da narrativa jornalística. Nas palavras do próprio Pimentel, durante o *JH,* de 25/02/10: "A realidade do Rio de Janeiro supera a ficção do *Tropa de Elite*".

## 2 Um filme quase real

[3] Os livros são: *Elite da Tropa* (Objetiva, 2006) e *Elite da Tropa 2* (Nova Fronteira, 2010).
[4] O BOPE é representado por uma caveira com um punhal atravessado de cima para baixo e duas pistolas cruzadas.
[5] Foram 11 milhões de ingressos vendidos, superando o recorde anterior que era de *Dona Flor e Seus Dois Maridos* (1976), com 10 milhões de espectadores.

Beatriz Jaguaribe (2006), baseada em Roland Barthes (2000)[6], considera que o "efeito do real" seja:

> uma forma específica de aguçar a verossimilhança artística. [...] O realismo buscou uma verossimilhança extraída da experiência cotidiana de vivenciar o mundo, uma verossimilhança atrelada ao senso comum da percepção. O "efeito do real" no romance realista é obtido por detalhes que dão credibilidade à ambientação e caracterização dos personagens (Jaguaribe, 2006:230).

Assim, seja no filme de 2007 ou no de 2010, José Padilha propôs-se a abordar a violência urbana de um prisma mais desconcertante. Em depoimento publicado no site oficial do *Tropa 2,* ele enfatiza isso: "Tentei fazer um cinema que não faz inferências morais pelo espectador, que não lhe diz o que pensar e quando pensar, que não contém pausas deliberadamente construídas para isto. Tentei fazer um cinema que comenta a violência urbana através da dramaturgia". Nesse "cinema engajado", nas palavras do próprio Padilha, os personagens individuais tornam-se universais, sendo ora espetáculos, ora pura reflexão sobre a sociedade atual (Martins, 2007). Segundo o diretor de *Tropa*, a intenção era fazer uma crônica social, algo que possibilitasse ao público alguma compreensão sobre esse tema, uma vez que não se interessa em fazer filme que seja apenas entretenimento (Padilha, 2010). Também destaca-se sua preferência por trabalhos documentais, uma vez que se utiliza da dramaturgia para gerar debates que considera interessantes. Para ele, cinema pode ser bem mais do que mero entretenimento. Reforçando a opinião de Padilha, Brasil (2007:44) entende que o cinema engajado, tipíco de documentários, tenha muito a dizer e que, pela persuasão ao documentar o real, construa "uma relação de conscientização com o espectador".

Mesmo que os letreiros iniciais do *Tropa 2* enfatizem que a obra é uma ficção e que qualquer semelhança com pessoas ou fatos reais seja mera coincidência, é impossível não lembrar do filme ao ver carros, ônibus e vans incendiados nas ruas do Rio e policiais com roupas pretas e a estampa de uma caveira, em resposta, preparando-se para subir o morro,

[6] BARTHES, Roland. El efecto de lo real. In: BARTHES, Roland. **Realismo, mito, doctrina o tendência histórica?** Buenos Aires: Lunaria, 2000.

como exibido em várias matérias dos programas noticiosos, a partir de 21/11/10. Aquele que *Veja* chamou de super-herói nacional, o tenente-coronel Nascimento[7] pareceu ter se encarnado em cada um dos jovens policiais do BOPE que afugentariam traficantes da Vila Cruzeiro.

O diálogo entre as mídias – quem lê *Veja* também assiste ao *JN* – contribui para essa mistura do que é de caráter jornalístico com o que é do campo do entretenimento. A metáfora do super-herói remete às histórias em quadrinhos e aos filmes voltados para os fãs da Marvel, indo além do que é possível a um cidadão comum; consequentemente, extrapolando os limites da realidade.

> O tenente-coronel (no primeiro filme, capitão) Roberto Nascimento, vivido com intensidade assustadora por Wagner Moura, tornou-se um personagem da cultura brasileira. [...] A aclamação a Nascimento vem, em grande parte, de um legítimo anseio comum aos brasileiros de bem, de qualquer região ou classe social: todos querem circular pelas ruas de sua cidade sem medo do assédio da bandidagem, e desejam que essa segurança seja garantida por uma polícia impecavelmente honesta, gerida por homens públicos probos. Nascimento é irredutível em seu repúdio à corrupção, seja ela praticada pelo soldado da PM ou pelo secretário de Segurança do estado. E essa pureza brutal fez dele um verdadeiro herói nacional (Meier; Teixeira, 2010:122-123).

Dessa forma, quando Pimentel aparece nos telejornais da emissora de maior audiência do País, sua opinião como comentarista de segurança pública torna-se muito mais legitimada por ele ser a inspiração da personagem cinematográfica do que por sua patente no BOPE.

## 3 Uma realidade quase fílmica

Resende (2005) considera que os *media* sejam os responsáveis pela definição e redefinição dos discursos sociais. A narrativa jornalística deles advinda, segundo o autor, interfere no *status quo,* recria modos de vida e provoca releituras de experiências de vida. As imagens da ocupação da Vila Cruzeiro são bons exemplos disso; mais ainda quando se faz referência à participação de Pimentel no *Bom Dia Brasil*, *JH* e *JN*. Com suas análises e

[7] A patente subiu de um filme para outro, devidos aos méritos na carreira policial, conforme se explicita no roteiro de *Tropa 2*.

comentários, conduziu a cobertura da emissora durante os dias de conflito. Além disso, enfatizou a importância das imagens do interior da favela, feitas do helicóptero da Globo, para o bom andamento da ação policial.

Em todos os telejornais dos quais participou, a função de Pimentel não se restringia a comentarista – atividade que desempenha no *RJTV* desde 23/11/09, com a reformulação editorial do programa regional. Naqueles instantes, cabia a ele a função de ser também "repórter", considerando sua experiência no BOPE.

A edição do *JN* de 25/11/10 também chamou atenção. Nela, a apresentadora Fátima Bernardes, antes de formular uma pergunta para Pimentel, que estava sentado à lateral da bancada, fez uma contextualização dele quanto ao livro e ao filme correlacionados, vinculando-os a sua experiência no BOPE. O motivo desse destaque é claro: enfatizar e justificar de qual lugar viria a opinião sobre a participação da Marinha no combate:

> Rodrigo, você que foi capitão do BOPE, escreveu um livro que inspirou o *Tropa de Elite* – dizem, até, que você seria pai do capitão Nascimento... Com toda essa sua experiência, você diria que essa mudança, quero dizer, essa utilização de carros da Marinha, utilização das Forças Armadas, representa que tipo de mudança no combate ao tráfico de drogas aqui, no Rio? (*JN,* 25/11/10).

No *JH*, além de se tratar de um programa especial, com mais de 50 minutos, abordando apenas a temática das operações policiais na Vila Cruzeiro, as apresentadoras Sandra Annenberg e Ana Paula Araújo frisaram as convergências de Pimentel com o filme *Tropa de Elite.* As imagens capturadas do Globocop foram os pontos de destaque da cobertura.

> **Sandra Annenberg:** Rodrigo Pimentel, começo fazendo uma pergunta: **parece filme ao vivo, né**? Dez milhões de brasileiros assistiram ao *Tropa de Elite 2*. A gente vive falando dessas invasões às favelas **e nós estamos acompanhando ao vivo**. Você, que já trabalhou no BOPE, qual é a sensação que você tem aqui, do lado de fora, como nós, telespectadores?
> **Rodrigo Pimentel:** Olha, Sandra, eu estava falando para Ana Paula, no *RJTV*, que **eu estava emocionado**, porque, desde a minha época no BOPE, esse era um local, assim, meio intransponível pela polícia. A polícia chegava com muita dificuldade. A polícia chegou a ficar pelo menos oito anos sem ir à Vila Cruzeiro. E, na verdade, **a realidade supera a ficção**. Nem no *Tropa de Elite 2,* do Zé Padilha, a operação policial foi tão bem montada, tão bem coordenada, com tantos recursos, né... **a gente vê aquela cena do *Tropa de Elite 2* – essa operação parece muito mais estruturada, muito mais preparada para enfrentar**

> **algo muito mais difícil**. Então, **a realidade do Rio de Janeiro supera a ficção do *Tropa de Elite.***
> **Ana Paula Araújo:** Para esclarecer para vocês de todo o Brasil, o Rodrigo Nascimento (risos)... O Rodrigo Pimentel inspirou o personagem do capitão Nascimento – **estou até confundindo, juntando os dois aqui** –, a partir do livro que ele escreveu, contando ali um pouco dos bastidores do Batalhão de Operações, Especiais e deu origem aí ao filme *Tropa de Elite 1, Tropa de Elite 2*; que agora a gente está vendo que **a realidade está superando qualquer ficção**, né, Rodrigo?
> **Rodrigo Pimentel: Acho que Zé Padilha não imaginou isso, né, Ana Paula...**
> **Ana Paula Araújo: Nem o diretor de *Tropa de Elite* conseguia imaginar** (*JH*, 25/11/10, grifos nossos).

A transmissão ao vivo é recurso importante quando se pretende expressar que os fatos são verossímeis. Para Carvalho (2010), o "ao vivo" ganha forte traço de autenticidade e dá transparência à narrativa ao aliar a crença na imagem técnica e sua ligação ao objeto com transmissão direta. "A transmissão 'ao vivo' em si e suas marcas se tornam um dos recursos retóricos, uma das técnicas discursivas na TV, que leva ao convencimento do telespectador do que ele vê realmente aconteceu" (Carvalho, 2010:61). Fechine (2007) completa que o "ao vivo" instiga o sujeito a conferir ao que vê o mesmo estatuto do que vive, dando-lhe um sentimento de presença, de acesso direto. Galard (2005) acrescenta que o "ao vivo" amplia o contato do telespectador com o repórter que está *in loco*, exercendo a função de mediador. A "relação direta", como ele classifica, corrobora para que as imagens exibidas tornem-se um espetáculo midiático, seja em guerras ou em outros fatos de tão grande relevância: "Não é a guerra que nos é mostrada ao vivo, é antes o *ao vivo* que nos é mostrado em espetáculo" (Galard, 2005:200, grifo do autor).

Outra pontuação relevante de Galard (2005:215, grifo do autor) refere-se ao poder das imagens *ao vivo.* Para o autor, fotográficas ou televisivas, "muitas imagens *são* armas". "Não são provas, são armas. Isso ficou evidente no caso do atentado contra o World Trade Center: as imagens não foram as cópias, a dobra do evento; fizeram parte do evento" (Galard, 2005:215). Assim também foi na cobertura da ação policial na Vila Cruzeiro, o que contribuiu e foi decisivo para a formulação da opinião popular quanto aos fatos.

É a partir da cumplicidade com quem observa que Pimentel se apresenta e legitima seu lugar de fala. Ele é o sujeito comum, real, próximo, entendível, conselheiro, que aparece na sala de estar para informar como se proteger de balas perdidas, de que forma se deve agir durante o cerco da polícia ou, até mesmo, qual deve ser o espírito da população

perante a ação policial. Simultaneamente, retoma a figura do protagonista do filme que, mesmo atuando com violência, encanta e conquista a cumplicidade e a benevolência do (tele)espectador.

Para Neves e Maia (2008:325), mais do que imagens fortes e, por vezes, amedrontadoras, "os agentes da mídia detêm um poder de enunciação pública que é fundamental tanto para garantir o reconhecimento da factualidade das ocorrências quanto para organizar as falas dos demais atores sociais, e que transforma essencialmente a interpretação das videoevidências". Para que isso fosse reforçado, no caso da Vila Cruzeiro, no imaginário coletivo, não apenas os programas jornalísticos pautaram o assunto. Como frisa José Arbex Júnior (2011), ele foi abordado também no *Domingão do Faustão*, de 28/11/10, no Fantástico, do mesmo domingo, e no Mais Você, da segunda, 29. Tanto no programa de Fausto Silva quanto no de Ana Maria Braga, Pimentel foi novamente elevado a herói real que inspirou o herói cinematográfico. Outro ponto não citado por Arbex Júnior, entretanto merecedor de destaque, é que o *Caldeirão do Huck*, apresentado por Luciano Huck, um dos mais cotados artistas globais para ações de merchandising, exibiu quadros com moradores de comunidades com UPPs, "já pacificadas" – como ele mesmo classificou.

Ao abordar o assunto em programas de entretenimento, a emissora o coloca como propício à espetacularização, que, segundo Moretzsohn (2007:249), "é hoje a linguagem da mídia, e da televisão em particular": "É preciso tentar buscar o equilíbrio entre o espetáculo, sem o qual não se atrai a atenção do público, e a informação, sem a qual o jornalismo não tem razão de ser".

Entretanto, para Arbex Júnior (2011), a Globo, ameaçada em perder a audiência para a Record, no Rio, opta pela cobertura exacerbada, inclusive fundindo-se seu discurso ao do Estado. Em momento algum da cobertura, nem mesmo durante os depoimentos de outros especialistas e estudiosos de segurança que participaram dos noticiários, houve questionamento se as ações estavam realmente corretas. Isso era fato definido: estavam. A equipe de reportagem atuou como um diário de campanha, cujos registros eram expressão do sucesso e do combate ao mal que afligia a sociedade carioca. Até mesmo a mudança na rotina dos moradores da favela foi apresentada como algo inevitável, mas que era em prol de um bem maior.

O colete azul à prova de balas com a logomarca da TV Globo, utilizado desde o primeiro momento da cobertura pelos repórteres, era indício claro de que se esperava muita violência e tiroteiro durante os próximos dias. Além da adoção de jargões militares por Pimentel, como "realizar o cerco", "consolidar posição", e "ocupar território", Arbex Junior (2010) destaca que a presença das Forças Armadas nessa ação foi pouquíssimo comentada e analisada pelos veículos de comunicação. A atuação das Forças Armadas, segundo Arbex Junior (2010, p. 24), foi naturalizada, mesmo sendo fato "inédito e absolutamente grave": "Os traficantes dos morros cariocas foram tratados como 'estrangeiros', como se fossem um 'corpo estranho' no território nacional, e não um mero subproduto do crime organizado, que agrega empresários, banqueiros, especuladores e agentes de capital financeiro".

Entretanto, não foi esse o sentido construído pela cobertura jornalística da Globo. De acordo com Fernando Resende (2009, s/n), os discursos jornalísticos, revestidos de vontade de verdade, "tornam-se expressões máximas do que é verdadeiro" e possibilitam construir os modos de compreensão do mundo, visões que tecem as percepções do outro, a maneira de lidar com o diferente e o semelhante. Além disso, o lançamento do *Tropa 2* entre dois turnos eleitorais para presidente do País – em alguns estados, também para governador – ressalta o caráter crítico, que leva o espectador a questionar a realidade na qual está inserido, marca dos filmes de Padilha. Ele, inclusive, negou-se a apoiar qualquer candidato, sendo coerente com os questionamentos propostos pelo longa. Pelos comentários de Rodrigo Pimentel, a população pode acreditar que o mal foi extirpado. Missão dada, missão cumprida – para usar o jargão do filme.

## 4 Considerações finais

*Tropa 2* parece ter sido um mero aperitivo do que estava por vir na vida real, já que, além de a televisão ser uma mídia mais acessível à maioria da população[8], os moradores do Rio protagonizaram cenas dignas de despertar muitos sentimentos apenas imaginados ficcionalmente por meio do filme. Entretanto, não cabe aqui prender-se ao dilema de quem

[8]Segundo a Síntese de Indicadores Sociais, divulgada em 17/09/2010, pelo IBGE, 97,2% dos lares brasileiros têm um aparelho de TV.

veio primeiro, a violência na capital fluminense ou a transposição de fatos indigestos para as telas dos cinemas. Mas não é demais refrisar que a Globo é coprodutora da sequência dirigida por Padilha.

Causa estranhamento lembrar que, como em 2007, o ano de 2010 foi marcado por uma grandiosa operação policial orquestrada após o lançamento dos filmes sobre a rotina do BOPE. Pode ser coincidência – ou senso de oportunidade. Fato é que conquistar o apoio da população em um contexto em que milhões de pessoas saem de suas casas para assistir à reprodução do dia a dia policial é bem mais fácil do que se isso ocorresse em uma situação adversa.

Os ataques provocados por traficantes como tentativa de amedrontar a população e forçar o comando policial a não transferir chefes do tráfico para presídios mais distantes do Rio ou desistir da instalação de UPPs foram o estopim para ações de grandes proporções. Prova disso é a repercussão que o caos instalado no Rio teve em jornais, revistas, rádios, TVs, sites e demais mídias.

Rodrigo Pimentel não está apenas como comentarista de segurança pública, ex-capitão do BOPE, coautor de livros sobre o batalhão. Ele é o capitão Nascimento em pessoa, mesmo que assim não seja apresentado em todos os momentos. É ele que traz a resposta para o dilema, para a crise, para o conflito – pelo menos é isso que se tenta transmitir na cobertura dos telejornais nacionais da Rede Globo.

Ele, inclusive, exorta o batalhão ao qual pertenceu: "A melhor tropa de combate urbano do mundo hoje são os homens do Batalhão de Operações Especiais e os policiais do Rio de Janeiro. Eles estão aptos a realizar operações nessas favelas" (*JH,* 25/11/10).

Pretende-se que o imaginário coletivo acalma-se, aceite e acredite que seja "um dia de vitória, importantíssimo, um marco na segurança pública da cidade", nas palavras do ex-caveira.

Contudo, o saldo dessa cobertura telejornalística das ações realizadas na Vila Cruzeiro foi bem mais do que o sono tranquilo (iludido?) da população. Fica clara a impregnação da ficção no jornalismo, que deixa de ser o relato dos fatos tais como ocorrem, com suas versões e personagens, para se tornar um misto de entretenimento, direcionamento de opinião e imagens anestesiantes.

## Referências


ARBEX JUNIOR, José. É fantástico o show da morte. **Le Monde Diplomatique Brasil,** São Paulo, ano 4, n. 42, jan. 2011. p. 24.

BRASIL, Marcia Paterman. Pertencer ao movimento. **Comum**, Rio de Janeiro, v.12, n.28, jan./jun. 2007. p. 31-46. Disponível em: <http//www.facha.edu.br/publicacoes/comum/comum28/Artigo3.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2011.

CARVALHO, João Luis de Pinho. **Efeito de tudo ver:** imagens, transparências e autenticidade no telejornalismo. 139f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-graduação em Comunicação Social, Belo Horizonte, 2010.

FECHINE, Yvana. Uma proposta de abordagem do sensível na TV. In: MÉDOLA, A. S. L. D.; ARAUJO, D. C; BRUNO, F. (Orgs.). **Imagem, visibilidade e cultura midiática. Livro da XV Compós.** Porto Alegre: Sulinas, 2007. p. 189-204.

GALARD, Jean. A guerra ao vivo. In: NOVAES, Adauto (Org.). **Muito além do espetáculo.** São Paulo: Ed. Senac São Paulo, 2005. p. 196-216.

JAGUARIBE, Beatriz. Modernidade cultural e estéticas do realismo. **ECO PÓS**, v.9, n.1, jan./jul. 2006. p. 222-243. Disponível em: <http://www.pos.eco.ufrj.br/ojs-2.2.2/index.php/revista/article/viewFile/41/94>. Acesso em: 23 dez. 2010.

MARTINS, Fernanda Félix Carvalho. O sertão e a favela: a polêmica sobre Central do Brasil e Cidade de Deus. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO NORDESTE, 9, 2007, Salvador-BA. **Anais...** Salvador: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2007. Disponível em: <http://www.rp-bahia.com.br/biblioteca/inter-nor2007/resumos/R0161-2.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2011.

MEIER, B; TEIXEIRA, J. Enfim, um herói do lado certo. **Veja,** São Paulo, ano 43, n. 45, 10 nov. 2010. p. 120-127.

MORETZSOHN, Sylvia. **Pensamento contra os fatos:** jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

NEVES, B. de B; MAIA, R. C. M. Imagens que chamam ao debate: a construção da denúncia e da controvérsia no evento da Favela Naval. In: MAIA, Rousiley C. M. (Coord.). **Mídia e deliberação.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008. Cap. 10, p. 321-346.

OCUPAÇÃO da Vila Cruzeiro. **Jornal Hoje.** São Paulo: Globo, 25 nov. 2010. Programa de TV.

OCUPAÇÃO da Vila Cruzeiro. **Jornal Bom Dia Brasil.** Rio de Janeiro: Globo, 25 nov. 2010. Programa de TV.

OCUPAÇÃO da Vila Cruzeiro. **Jornal Nacional.** Rio de Janeiro: Globo, 25 nov. 2010. Programa de TV.

OCUPAÇÃO da Vila Cruzeiro. **Jornal Nacional.** Rio de Janeiro: Globo, 27 nov. 2010. Programa de TV.

PADILHA, José. Senta o dedo, Padilha! **Superguia NET**, São Paulo, out. 2010. Especial, p. 8.

RESENDE, Fernando. **O jornalismo e a enunciação:** perspectivas para um narrador-jornalista. 2005. Disponível em: <http://www.ufgrs.br/gtjornalismocompos/doc2005/fernandoresende2005.doc>. Acesso em 24 jan. 2011.

RESENDE, Fernando. A narrativa do discurso jornalístico: a questão do outro. **Rumores,** São Paulo, v.1, set./dez. 2009. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/rumores/article/viewfile/6799/6142>. Acesso em: 24 jan. 2011.

SOARES, L. E.; BATISTA, A.; PIMENTEL, R. **Elite da tropa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

SOARES, Luiz Eduardo *et al*. **Elite da tropa 2.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

TROPA de elite 2. Direção: José Padilha. Produção: José Padilha e Marcos Prado. Intérpretes: Wagner Moura; Irandhir Santos; André Ramiro e outros. Roteiro: José Padilha e Bráulio Mantovani. Rio de Janeiro: Zazen Produções, 2010. (116 min.), Película 35 mm, son., color.